

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.028

COMPREENSÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS COM O ROMANCE *CAPITÃES DA AREIA* DE JORGE AMADO

VALDEIR PEREIRA SILVA

Mestrando em Formação de Professores pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3783-4231>. Contato: valdeir.pereira.silva@aluno.uepb.edu.br.

PAULA ALMEIDA DE CASTRO

Doutora em Educação pela UERJ, Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Centro de Educação. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8559-3498>. Contato: paulacastro@servidor.uepb.edu.br.

RESUMO

O estudo aqui apresentado teve o objetivo de discutir as contribuições que o método etnográfico traz para a pesquisa em educação, mais especificamente, no que diz respeito à formação de professores e sua prática pedagógica. Nesse sentido, traz-se, numa perspectiva autoetnográfica, a obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado (2004), a fim de inspirar a exposição didática da temática aqui discutida, de modo a inovar o modo de discutir a pesquisa em sala de aula e revelar contribuições para além do óbvio. Para tanto, utiliza-se da Pesquisa Bibliográfica como aporte metodológico, ao passo em que são convidados outros trabalhos a dialogarem com este, cujos autores pesquisam e escrevem acerca da etnografia escolar, destacando-se André (1996; 2008), Oliveira (2013) e Borges e Castro (2019). Para tratar sobre a formação docente, dentre outras leituras, aqui são utilizados os trabalhos de Freire (1996; 2005) e Silva, Almeida e Gatti (2016). As discussões aqui empreendidas permitiram clarificar o quanto a etnografia escolar pode trazer [e traz] contribuições para a formação docente, a partir do momento em que as vozes dos sujeitos emergem e escrevem os resultados das pesquisas com o pesquisador. Enfim, nesse modo de fazer pesquisa reside um ponto estratégico que permite eliminar olhares enviesados pelos vícios do óbvio e da generalização prévia.

Palavras-chave: Formação Docente, Etnografia Escolar, Sala de Aula, Literatura.

PALAVRAS INICIAIS

O presente artigo tem suas tramas tecidas no contexto da disciplina de Tópicos em Educação: Etnografia, Linguagem e Formação de Leitores¹. Nele, existem não somente linhas escritas, histórias contadas, conceitos construídos, ciência incrementada; existe também o afeto que nos envolve. Por isso, convidamos o escritor Jorge Amado, com sua obra *Capitães da Areia* para inspirar as reflexões e a escrita do presente texto.

O afeto aqui empregado se justifica ao passo em que trataremos do meio educacional e das investigações pertinentes a ele, cujo contexto social é complexo e repleto de significados e significantes, que exercem influência direta no fazer pedagógico. As interações em *Capitães da Areia* são essenciais para a compreensão da complexa teia de relações e emoções que definem a vida dos personagens e, analogamente, é possível gerar um mote de compreensão da prática docente, a partir das observações, em sala de aula, dos saberes-fazer docentes. Na obra também são evidenciadas a resiliência e a força que esses meninos desenvolvem para sobreviver em um ambiente tão adverso, tal como, por vezes, deparamo-nos em nosso cotidiano docente.

Portanto, é imprescindível uma formação de professores que contemple variadas leituras e olhares [com o auxílio da ação investigativa, inerente à docência], afirma Fazenda (2008), quando relaciona a pesquisa em educação às dificuldades interpretativas que podem surgir no caminhar professoral. É nesse sentido, pois, que a abordagem etnográfica está à disposição da pesquisa nesta área, a fim de que sejam empreendidas as melhores observações e construídos os melhores espaços para que as vozes dos sujeitos protagonizem também os seus achados e registros.

Por sua vez, ao relacionarmos [analogamente] a obra de Jorge Amado com o procedimento de pesquisa em questão, não pretendemos afirmar, em nenhum momento, que aquela se trata do resultado de uma pesquisa etnográfica – que fique claro. Tal alegoria se configura como recurso didático para compreensões e reflexões acerca dessa abordagem metodológica de um modo diferente, diante da descrição dos Capitães da Areia, enquanto uma multidão e suas composições [ou contradições]. Nesse ínterim, objetivamos discutir teoricamente acerca dessa

1 Disciplina eletiva do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. A disciplina foi ministrada pelos professores Paula Almeida de Castro, Fábio Marques de Souza e Marcelo Medeiros da Silva, em 2022.

abordagem de pesquisa, suas contribuições para a *práxis* pedagógica e, por consequência, para a formação de professores, por meio de uma Pesquisa Bibliográfica (SEVERINO, 2013), ao passo em que fazemos uso de estudos anteriores e outras obras disponíveis.

Nesse sentido, para embasar as ideias defendidas e difundidas nestes escritos, convidamos André (1996; 2008), Oliveira (2013), Borges e Castro (2019) – no que diz respeito ao embasamento acerca da pesquisa etnográfica em educação – e Freire (1996; 2005), Silva, Almeida e Gatti (2016) – em se tratando da formação docente –, além de outras obras, que auxiliam na composição desse estudo exploratório e explicativo, diante de sua natureza qualitativa. Parafraseando Clifford (2011), a escrita etnográfica está, do princípio ao fim, imersa na escrituração dos fatos e isso precisa ser encarado como um fato e não como uma hipótese.

Logo, na composição deste artigo, além desta parte introdutória, temos outras três, intituladas: 1) Na superfície da existência, somos assemelhados, que convida os leitores a uma reflexão acerca das impressões que emergem do pouco aprofundamento acerca das interações observadas; 2) Mergulhando nos significados ocultos das interações, que, em continuidade à primeira, busca instigar o mergulho nos significados das ações observadas; e 3) *Habitus* Professoral para além do familiar – palavras finais, que visa relacionar a pesquisa etnográfica ao cotidiano docente e suas implicações no conhecimento de fatores subjetivos que podem influenciar na prática e na formação de professores, por meio também dos olhos e das vozes dos próprios sujeitos.

NA SUPERFÍCIE DA EXISTÊNCIA, SOMOS ASSEMELHADOS

O fazer pedagógico cotidiano busca dar conta de transformar a intenção em ação efetiva, com vistas à melhor contribuição possível na formação integral dos estudantes. Por conseguinte, discutir contribuições, para que a prática docente e sua formação continuada sejam cada vez mais repletas de sentido, é deveras importante e imprescindível, gerando ganhos para [ou mantendo robusto] o processo educacional. Diante disso, convém adentrarmos no universo docente de modo mais aprofundado, para além dos vícios do olhar previamente padronizante diante de tal contexto fenomenológico.

Para tanto, é necessário que tenhamos atenção não somente ao que se revela na superfície dos cotidianos escolares ou de algumas observações empreendidas, em termos de formação continuada, mas aprofundarmos-nos, quanto mais seja possível, nas motivações existentes e na falta delas, no que influencia tal prática e em como isso se dá. É para essa finalidade que existe a pesquisa em educação: revelar o que o óbvio já não dá conta de fazê-lo. A partir disso, um arsenal de métodos e de procedimentos técnicos existe a fim de que façamos a melhor escolha possível para atingirmos os objetivos que propomos em cada pesquisa empreendida: metodologia é a escolha de abordagens procedimentais à disposição.

Em diálogo com tais pretensões, dispõe-se o conhecimento da prática docente em sala de aula, em seus significados, por vezes, menos evidentes, unido ao detalhamento dos contextos em que os Capitães da Areia são ou estão inseridos. Não se trata de conhecê-los através dos olhares dos outros, mas de si, a partir de todas as situações [observáveis] que os envolvem, ou nas que estão inseridos. Desse modo, buscamos provocar reflexões acerca das assimilações a que somos submetidos, mas em situações que guardam motivações diversas e que ajudam a explicar sentidos não revelados e até mudá-los de campo interpretativo.

Iniciamos, pois, citando um dos trechos primeiros da obra de Jorge Amado, que figura como uma reportagem do Jornal da Tarde [na página *Fatos Policiais*], a qual cuida de caracterizar os Capitães da Areia como “crianças ladronas”:

Já por várias vezes o nosso jornal, que *é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana*, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido *o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe*. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime *não têm moradia certa* ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada (AMADO, 2004, p. 3, grifos nossos).

Já aqui é possível destacar alguns vieses no que concerne ao discurso da reportagem: 1) o autoproclamamento de legitimidade conferida às intenções do órgão que emite a mensagem, sem, talvez, um espaço equidistante para o senso crítico entre o que se comunica e para quem se comunica; 2) a qualificação do grupo de meninos enunciada, baseada, certamente em convenções sociais exclusivistas, uma vez que o empresário “prejudicado” faz parte da elite daquele conjunto social; 3) um fato, dentre outros tantos, como é o da falta de moradia para crianças – como assim são reconhecidos aqueles meninos – que denunciam a marginalização social

existente naquele entorno, que, conhecida mais de perto, demandará, certamente olhares mais sensíveis e menos enviesados.

Os vieses comentados nos ajudam a perceber o quanto os olhares superficiais comprometem as análises pretendidas. É importante notar que o trecho acima reflete a visão da sociedade da época e não necessariamente a opinião do autor do livro, Jorge Amado. Ele, no decorrer de sua obra, procura humanizar os Capitães da Areia, mostrando as complexidades de suas vidas e as dificuldades que enfrentam. O trecho do jornal serve como um contraponto à perspectiva mais empática e compreensiva apresentada na narrativa. Nas salas de aula, por vezes, também ocorrem olhares estigmatizados, desumanizados, lançados sobre os atores que as compõem, que podem comprometer o conhecimento das realidades dos contextos complexos em que cada um desses espaços está inserido.

Outro trecho dessa mesma reportagem confirma o terceiro ponto da análise acima e, em certo nível, a incoerência de tratamentos determinados pelo prestígio social, e não por fatos, que podem direcionar a outras reflexões e, por conseguinte, a outras conclusões:

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 *crianças das mais diversas idades*, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, *naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos*, se entregaram no verdor dos anos a uma *vida criminosa*.

[...]

No Corredor da Vitória, coração do *mais chique bairro da cidade*, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos *mais abastados e acreditados negociantes desta praça*, com loja de fazendas na rua Portugal (AMADO, 2004, pp. 3-4, grifos nossos).

Diante do exposto, cabe-nos refletir acerca da insistência em associar crianças à condição de criminosos, além de conferir aos valores especificamente cristãos, com o “poder” de diligenciar a indumentária convencional de probidade de valores, como única posição possível a ser ocupada por quem deseja uma vida “correta”. Sabemos das tantas ocasiões de horror a que esse tipo de pensamento superficial já nos levou enquanto humanidade e, portanto, é necessário afastarmos o nosso olhar da superfície existencial a que ela nos direciona. Em paralelo a isso, uma definição generosa acerca do comendador que, certamente, trazia maiores

contribuições ao contexto social da época, pelo menos, na visão de quem editou a reportagem e gozava de maiores privilégios sociais.

Na revelação dos fatos, quem edita a reportagem poderia assumir posturas de pesquisador, ao passo em que concatena as informações de modo a revelar suas verdades, porém sem vieses excessivamente subjetivos. Diante disso, no âmbito da pesquisa, o método etnográfico, revela-nos André (2008), possui sua caracterização fundamental ancorada, em primeiro lugar, nos contatos diretos, de modo prolongado²– um fator que merece atenção –, estabelecidos entre pesquisador e situação, junto ao grupo direcionado como sujeito[s] da pesquisa. A autora, ainda, nos faz refletir que é urgente que deixemos claro o grau de envolvimento do[a] pesquisador[a] naquela situação pesquisada, cuja intensidade pode variar a depender das exigências que vão se impondo no decurso do trabalho (p. 38).

Complementar a isso, a autora ainda explicita que outro ponto a ser considerado enquanto requisito da pesquisa etnográfica é a necessidade de se obter dados descritivos em abundância. Nesse sentido, a obra de Jorge Amado nos ajudará didaticamente a refletirmos sobre tal descrição densa de que trata André (2008), ao passo em que se compromete a descrever locais [trapiche, ponto das pitangueiras, docas, o carrissel, dentre outros], pessoas [Pedro Bala, Professor, Dora, Volta-Seca, Gato e outros] ações, interações e fatos desses atores, para além das impressões iniciais da reportagem e das cartas à redação, complementando que essa estrutura permitirá o “quadro configurativo da realidade estudada” (p. 38).

A pesquisa etnográfica permite-nos, portanto, mergulhar nos “significados criados”, a fim de que percebamos que a “essência e a aparência das coisas não se sobrepõem, mas se encontram, em verdade, em contradição” (OLIVEIRA, 2013, p. 278). Complementar a isso, Borges e Castro (2019) são assertivos ao escreverem que a etnografia dá permissões de acesso, ao pesquisador, não somente ao lugar onde se pesquisa, mas também aos sujeitos pesquisados e suas explicações sobre as situações observadas no cotidiano.

Corroborando com tais discursos, Clifford (2011, p. 19) escreve sobre a autoridade etnográfica e revela-nos que “[...] se a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências, ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar representar ‘outros’ abstratos e a-históricos”.

2 Oliveira (2013, p. 274) vai afirmar em seu trabalho “que não é simplesmente uma longa estadia em campo que nos garantirá uma etnografia de qualidade, pois há imponderáveis com os quais teremos que saber lidar”.

Portanto, vislumbrar as ações levando em conta o olhar de quem é observado, contribui com entendimentos que nos conduzem a realidades ocultas e responsivas, que não se evidenciaram a partir de uma observação unilateral, pois há significados que podem não ter surgido ou vistos com clareza. Logo, é necessário estarmos atentos às intersubjetividades presentes nas relações observadas de [com] *outrem*, como se discorre na próxima seção.

MERGULHANDO NOS SIGNIFICADOS OCULTOS DAS INTERAÇÕES

As interações entre nossas subjetividades podem causar conflitos inesperados, que influenciam no nosso modo de ver e encarar as realidades das quais participamos. Logo, é imprescindível perceber o quanto as nossas impressões e interpretações acerca do outro podem mudar, ao passo em que conhecemos detalhes dele e de sua maneira de se relacionar socialmente com as pessoas e com os temas do seu tempo e entorno. Tais percepções acontecem de forma dialógica – não é possível pensar de outra forma –, em especial, no que diz respeito à pesquisa em ambientes educacionais.

Desse modo, os entrelaçamentos nas relações em *Capitães da Areia* nos permitem, enquanto docentes, enriquecermos a nossa formação ao oferecer uma perspectiva profunda sobre as complexidades e desafios enfrentados por jovens em situações vulneráveis [mas, não somente estes]. Isso, ao nos inspirar à adoção de uma abordagem mais humanizada e comprometida com o desenvolvimento integral de nossos alunos, entendendo [ou se aproximando tanto quanto for possível de] as relações – que também se estabelecem no romance –, as quais nos impelem a enxergar as nuances dialógicas: amizade e solidariedade; hierarquia e liderança; conflitos e rivalidades; relações com o mundo exterior e seus desafios; rituais e tradições; que fazem parte da vida de nossos estudantes e precisam ser levadas em consideração em meio ao processo de ensino e aprendizagem.

O Professor Fiori (1981), no prefácio de *Pedagogia do Oprimido*, é categórico ao afirmar que “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo, afastam-se dele e com ele coincidem” (p. 11). Portanto, pesquisar nos espaços escolares requer atenção para tais intersubjetividades que lá coabitam e se [re]constroem. A partir disso, convém concordamos com

Oliveira (2013, p. 276), diante de seu pensamento acerca da pesquisa educacional, no envolvimento com o espaço institucional, que condensa “formação intelectual e profissional”, mas, além disso, “um espaço de sociabilidade e de construção de subjetividades”.

Ao nos encontrarmos, pois, com as cartas à redação em *Capitães da Areia*, deparamo-nos com uma coleção de pareceres divergentes enviados ao Jornal da Tarde, cujas palavras dão conta de estabelecer descrições [intencionalmente] parciais de contextos e pontos de vistas acerca de um grupo formado por crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade social. Todavia, para alguns, essa vulnerabilidade a que estão – os Capitães da Areia – expostos, recebe a alcunha de delinquência. É-nos interessante o que trazem esses escritos, para podermos já refletir sobre o quanto o lugar de onde falamos interfere no que interpretamos.

Por vezes, os nossos julgamentos e conclusões advêm de análises unidirecionais, superficiais e ideológicas acerca dos fenômenos sociais que, embora, referenciadas em teorias diversas, não são capazes de traduzir todos os significados que estão por trás de certas [re]ações. Estaríamos aqui diante de uma visão de efeitos, mas sem compreendermos as causas que certamente se configuram com uma mostra de ineditismo tal que, aquilo que nos parece por demais familiar [ou delinquente], revelar-se-á como estranhamente surpreendente: a vulnerabilidade por trás da força para sobrevivência que ela demanda, por parte daquelas crianças.

Corroborando tal discurso, André (1996) faz uma reflexão acerca dos aspectos subjetivos do comportamento humano, indicando a necessidade de penetração no universo conceitual dos sujeitos a fim de se entender o sentido atribuído aos acontecimentos do cotidiano e suas interações sociais. Sair da superficialidade das observações empíricas, portanto, é mergulhar nos significados que são criados a partir da nossa existência e das nossas interações sociais, mas que, muitas vezes, só são conhecidas por nós mesmos. Nesse sentido, afirma Clifford (2011), a etnografia é como uma apresentação, cujo enredo se estrutura a partir de potentes histórias.

Diante disso, ao visitarmos as cartas à redação, duas delas chamam-nos atenção em um detalhe [tratado no parágrafo seguinte]: numa, a autoria é de uma mulher [mãe, costureira, pouco acostumada com a escrita] – também tratada como “mulherzinha do povo” pelo diretor do reformatório que “acolhia” algumas crianças – que dá a sua versão dos fatos, atribuindo significados com os quais ela mesma conviveu por estar mais perto [física e afetivamente] de um dos Capitães de Areia

como, provavelmente, poucos dos que escreveram as cartas jamais estariam; na outra, os escritos são do diretor do reformatório [homem, “um diretor que é amigo” – de acordo com um dos títulos da reportagem publicada] – o mesmo que citou a costureira como “mulherzinha do povo” – e dão conta de uma contra resposta às “acusações contra o estabelecimento que dirijo”, ressaltando que só age conforme a lei e com as demandas de seu trabalho (AMADO, 2004, p. 14).

O ponto de convergência entre as duas cartas, que figura como o detalhe mencionado no início do parágrafo anterior, é o fato de ambos, na tentativa de validar, referendar, justificar, em suma, de conferir valor de verdade às suas afirmações, pede [convida] que se vá conhecer de perto a situação do reformatório e tirem suas conclusões. A parcial [e não total] convergência se dá pelo fato de que ambos pedem, objetivamente, o mesmo: que se visite o reformatório – que um terceiro “imparcial” o faça – para poder ser averiguado o pleito, mas cada um com suas intenções. Logo, surge-nos um questionamento afirmativo acerca do “como” esse terceiro conseguirá imprimir imparcialidade diante de uma questão que já nasce interessada em fins que não partem da inquietação própria, pressupomos, de quem investiga.

Nesse sentido, valemo-nos dessa analogia – enquanto processo cognitivo³ – para associarmos a investigação encomendada pelos escreventes diante de outra investigação, a qual se origina no âmago de quem investiga, instada pela vontade de se conhecer em verdade[s] quem seriam os tais “vulneravelmente delinquentes sociais”, quais são suas aspirações, como se relacionam socialmente, bem como outras questões determinantes na definição do “eu”, que só seriam profundamente conhecidas por meio da tríade: olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 2013).

Jorge Amado presenteia-nos com um narrador [nosso pesquisador] românico e que não consegue dar de ombros a essa condição em seus registros. Contudo, toda a sua subjetividade respeita os limites da pesquisa, encarregando-se de descrever densamente o fenômeno, mantendo a sua forma poética de comunicar. Isso porque, como todo pesquisador, ele precisa atender aos seus anseios internos e não às encomendas externas somente. Para tanto, estabeleceu-se com *lócus* de sua pesquisa não o reformatório isoladamente, mas o mundo que acolhe o grupo social em questão. Convém, portanto, aqui citar o que Oliveira (2013) e Borges e

3 Indicamos o trabalho de Barbosa e Fortilli (2018), intitulado “A analogia nos processos de mudança de verbos cognitivos no português brasileiro”, para outros aprofundamentos.

Castro (2019) defendem, ao estabelecerem que o *lócus* não se configura no objeto da pesquisa de cunho etnográfico, uma vez que a ideia não é pesquisar o local [ou os locais], mas, nos locais, parafraseando Geertz⁴ (2008), afirmam eles.

Ao empreender suas energias em uma descrição densa⁵ – objeto da etnografia (GEERTZ, 2008) –, o pesquisador traduz aos leitores cada um dos a[ut]ores envolvidos na trama, através de seus conflitos, de suas emoções, de suas preferências, dos lugares [des]ocupados, dos afetos conquistados e daqueles não vividos ou usurpados. Logo, deparamo-nos com escritos que já não mais estarão em si “condenados” a nos alienar com seus direcionamentos ideológicos e suas opiniões parciais, carregadas de interesse particular. Estaremos, sim, diante da oportunidade de, pelo conhecimento de quem ou no que se revelam os próprios a[ut]ores, nós mesmos darmos conta de, criticamente, sermos capazes de interpretar o que autor interpretou da interpretação⁶ dos Capitães da Areia acerca de quem [não] são.

Estamos, pois, diante de um complexo de realidades, cujas subjetividades se entrelaçaram, confluindo-se entre si algumas vezes, dando-nos a oportunidade de nos encontrarmos como que diante de espelhos que nos revelam, por vezes, a nós mesmos no outro e, por isso, mudam a nossa visão interpretativa de um mesmo fato. No contexto de sala de aula isso é bastante significativo, uma vez que vemos a todo instante serem lançados olhares padronizantes, na origem, diante das práticas educativas e, por conseguinte, para a formação docente. Um trecho que ilustra bem essa ideia é o seguinte:

Apelidaram-no de *Professor* porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, *fazia a grande e misteriosa mágica* de os transportar para mundos diversos, *fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem* como só brilham as estrelas da noite da Bahia (AMADO, 2004, p. 24, grifos nossos).

4 Clifford James Geertz foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. Seu trabalho no *Institute for Advanced Study de Princeton* se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico (Shweder and Good, 2005. p. 1).

5 Termo utilizado por Clifford Geertz, em sua obra *A Interpretação das Culturas* (2008, p. 4), ao tomar emprestada uma noção de Gilbert Ryle, que se encarrega de fazer emergir os significados das piscadelas – exemplo clássico da teoria etnográfica. A descrição densa é, pois, o objeto da etnografia (GEERTZ, 2008, p. 5).

6 Inspirado em Amurabi Oliveira (2013, p. 278).

A partir desse fragmento da narrativa, vemos que o apelido de um dos Capitães da Areia, a partir de características específicas, revela-nos que, para aqueles “meninos”, aquela ou aquele que ocupa o lugar de um[a] professor[a] é alguém que faz mágica e que os transporta para lugares distintos, mesmo sem saírem de onde estão. O trecho destaca, pois, a importância do Professor como uma figura que traz um pouco de luz e encanto para a vida dos Capitães da Areia. Além de suas habilidades práticas, sua capacidade de criar um escape através das histórias e truques de mágica demonstra como a criatividade e a imaginação podem ser ferramentas poderosas, mesmo em circunstâncias adversas.

Segundo Freire (1996, p. 25), o que acontece entre professor e aluno na relação de ensino e aprendizagem é um “encontro democrático e afetivo”, em que ambos aprendem e cuja característica de aprendiz nunca será abandonada pelo docente. O Professor [personagem do romance], por exemplo, era encontrado “comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda” (AMADO, 2004, p. 24). Esse trecho destaca a dedicação e a paixão do personagem pela leitura, mesmo nas condições difíceis em que se encontra. Isso também pode ser interpretado como uma demonstração de resiliência e determinação em buscar conhecimento, mesmo em um ambiente desafiador. Não pretendemos, com tal afirmação, romantizar os desafios e desestruturações, por vezes, das condições professorais, mas tão somente gerar reflexões acerca da necessidade de não pararmos diante das adversidades que se impõem por vezes em nosso percurso docente.

Certo é que vivemos numa busca contínua pelo que irá dirimir as dúvidas que carregamos ou elucidar as impressões que acompanham nossa condição de existência: a pesquisa nos auxilia nisso. Na reflexão crítica sobre a prática docente, por sua vez, reside o que Freire (1996) delimita como momento fundamental diante da formação permanente de professores. Portanto, quando essas dúvidas são preenchidas dos significados das ações que enxergamos, confrontadas com as que não enxergávamos e vieram à luz, deparamo-nos com sentidos diferentes, cuja interpretação também se dá de modo diferente e que influencia diretamente no *habitus*⁷ professoral, com o qual dialogamos na seção que segue.

7 Em se tratando de *habitus*, partimos da ideia exprimida através do conceito estabelecido por Pierre Bourdieu (1983), em seu texto “Esboço de uma Teoria da Prática”.

HABITUS PROFESSORAL⁸ PARA ALÉM DO FAMILIAR: PALAVRAS FINAIS

Como já mencionamos neste artigo, não foi a nossa pretensão discutir o gênero literário ou mesmo a obra de Jorge Amado: apenas tomamos de empréstimo a sua estrutura numa tentativa de explorar de forma autoetnográfica a relevância do método etnográfico na mais coerente compreensão de diversos contextos, sobretudo, o escolar. Isso porque, parafraseando Candido (2006), entendemos a literatura como composições e atitudes que expressam certas relações entre as pessoas, tomadas em conjunto, que representam a socialização de seus impulsos íntimos.

Nesse ínterim, essa apresentação teórico-conceitual (etnografia escolar) se torna mais instigante, ao passo em que a literatura mobiliza laços profundos que unem as pessoas em um lugar e um momento de troca (CANDIDO, 2006), conforme o enredo do romance com o qual trabalhamos. Ao nos deleitarmos com a obra de Jorge Amado, foi possível enxergar os Capitães da Areia para além das “crianças ladronas”, enxergando através de seus conflitos, de suas emoções, de suas periferias existenciais, daquilo que influenciava suas decisões e sua formação humana. Ao transferirmos tal analogia para o *habitus* professoral, por exemplo, vemos manifestar-se o efeito dos laços firmados entre a figura do professor e daqueles a quem influencia, a partir do trecho em que o Professor [Capitão da Areia] é tomado pelo luto, devido à morte de Dora:

Um dia Professor entrou no trapiche e *não acendeu sua vela, não abriu um livro de histórias, não conversou*. Para ele toda aquela vida tinha acabado desde que Dora fora levada pela febre. Quando ela viera, encherão trapiche com sua presença. Para Professor *tudo tinha uma nova significação*. O trapiche ficara como a moldura de um quadro: ora os cabelos loiros caindo sobre o Gato, que via sua mãe, ora os lábios que beijavam Zé Fuinha para ele dormir. Ou a boca que cantava cantigas de ninar. Também sorrisos de orgulho para a coragem de Volta Seca, como se fosse uma destemida mulata sertaneja. [...]. Agora Professor olhava o trapiche como para uma moldura sem quadro. *Inútil*. (AMADO, 2004, p. 217, grifos nossos).

8 Entendemos *Habitus* Professoral como sendo o “[...] modo de pensar a estruturação do objeto das investigações sobre o ensino na sala de aula” (SILVA, 2005, p. 152).

Estamos, pois, diante daquilo que nos impacta constantemente no *habitus* professoral: a vida do outro. Certo é que um recipiente vazio não cumpre sua função de fornecer água a quem tem sede. O trecho acima demonstra a profunda conexão emocional entre o Professor e Dora, e como a perda dela impactou profundamente sua perspectiva e experiência de vida. Ele também ilustra a maneira como a ausência de alguém significativo pode alterar radicalmente o modo como percebemos o mundo ao nosso redor. Em sala de aula, é necessário sermos sensíveis ao outro, entendendo que aquilo que carregam e que influenciam diretamente suas vidas pode não se assemelhar, nem de longe, aos nossos fardos e, portanto, excetuam-se às comparações superficiais.

Logo, o cotidiano docente também necessita de olhares que contemplem para além do raso, uma vez que tal ofício, diferente de muitos outros: cuida da influência para com a vida de muitos. Existe uma relação íntima entre o fazer professoral e sua utilidade social para o desenvolvimento humano e a formação docente precisa contemplar isso. Afinal, professor é um ser que enseja confiança:

Mas *tenha confiança no Professor*, nos quadros que ele faria, na marca do ódio que ele levava no coração, *na marca de amor à justiça e à liberdade que ele levava dentro de si*. Não se vive inutilmente uma infância entre os Capitães da Areia (AMADO, 2004, p. 218, grifos nossos).

O Professor [personagem do romance] era visto como alguém que carregava consigo não só o desejo de lutar por justiça e liberdade, como também o impulso de resistir às injustiças. A infância vivida entre os Capitães da Areia foi uma fase significativa na formação desses jovens, apesar dos desafios que enfrentam. Logo, um professor é alguém que deixa marcas a partir de sua prática, isso é inevitável e inegociável, para o bem ou para o menos bem: nunca para o mal. Tal como sua existência, a prática docente precisa ser vista e pesquisada sob a óptica do inesquecível, do amor e da justiça que o docente carrega dentro de si, tal como Pedro Bala reconhece:

– A gente nunca te esquece, mano... Tu lia história para gente, era o mais *batuta* da gente... O mais batuta...

[...]

Nunca um *passageiro de terceira* teve tanta gente na sua despedida. Volta Seca lhe dá um punhal de presente. Pedro Bala faz tudo para rir, para dizer coisas gozadas. Mas João Grande não escondia a tristeza que vai dentro dele (AMADO, 2004, p. 219, grifos nossos).

Caso nos deparemos, enquanto docentes e sujeitos sociais, com alguém classificado como batuta, certamente estaremos diante de alguém admirável. No contexto dos Capitães da Areia não era diferente: o enredo deixa isso muito claro. Certamente, desde a designação da alcunha inicial, quando passava a ser tratado por Professor, este demonstrou atitudes que conquistaram a confiança, a fidelidade e a competência necessárias para tal – assim acontece no ofício docente.

Nesse ponto, não nos atemos aos exclusivismos da escolarização, mas às características com as quais somos reconhecidos no *habitus* professoral. Certo é que aquele “Professor” menino não é comparável, em termos de formação institucional, com os que exercem a profissionalização do educar, mas o que o fez ser reconhecido como tal certamente é aplicável a nós [docentes]: sua capacidade de influenciar pensamentos e decisões. Isso, podemos constatar nas linhas dos escritos acerca dos Capitães, quando é afirmado que Pedro Bala – líder do grupo – “nada resolvia sem o consultar” (AMADO, 2004, p. 24).

Essa constatação é atemporal e, diante dessa capacidade de ser referência, somos impelidos ao aperfeiçoamento contínuo, descrevendo e analisando nossas interações no cotidiano da escola e da sala de aula. Antes [e junto] dessas evoluções, é claro, estão todas as outras questões que compõem a cultura de cada grupo a que estamos dispostos a influenciar, ensinando e ajudando a se desenvolverem integralmente. É importante entendermos cada sala de aula como um espaço propício para a formação de grupos sociais distintos, uma vez que as diferenças [em convergência] vão criando ineditismos que não aceitam certos níveis de padronização prévia, sobretudo no que diz respeito aos olhares lançados em sua direção, a partir das investigações pretendidas nas pesquisas.

Isso só conseguirá ser melhor compreendido quando forem descerradas algumas camadas do nosso olhar diante da prática pedagógica. É nesse sentido, que surge a defesa de que estejamos cada vez mais atentos à necessidade de observação da *práxis* docente a “olho nu”, não no sentido convencional da expressão, mas no sentido de despirmos o olhar de pré-julgamentos advindos do vício das padronizações prévias – um fator reincidente na visão acerca do campo educacional. Diante disso, apresentamos o diálogo entre o método etnográfico de pesquisa e a formação docente, de modo que sejam gerados entendimentos para além do familiar, do superficial, do “padrão”, sempre em diálogo com a teoria disponível, sobretudo, as de cunho antropológico (OLIVEIRA, 2016, p. 274).

É importante notar que o *habitus* professoral não é fixo e pode sofrer influências de fatores como a formação acadêmica, experiências de ensino, mudanças no contexto educacional e interações sociais. Nesse sentido, tal ideia pode variar conforme o contexto cultural e as políticas educacionais de uma determinada região ou país. Portanto, tal conceito deve ser entendido como dinâmico e em constante evolução. Nele estão contidas diversas características que ajudam a melhor compreendê-lo e praticá-lo: os valores educacionais pactuados, os estilos de ensino desenhados na prática do cotidiano, o relacionamento com os estudantes, as atitudes perante à autoridade institucional, a compreensão da função social do professor, a resiliência e adaptabilidade diante dos desafios que surgem, a autopercepção profissional e o aprendizado contínuo.

Nesse ínterim, podemos afirmar que pesquisar em sala de aula a prática do professor, utilizando-nos dessa abordagem, manifesta-se como uma grande oportunidade de que surjam explicações inéditas e contundentes, a partir das interpretações do próprio sujeito, que permitirão interpretações mais densas ao pesquisador e que dará mais munição para que os diversos leitores de tais escritos possam também gerar interpretações coesas. Borges e Castro (2019, p. 407), concordam com isso, ao afirmarem que “a etnografia, como processo de pesquisa, nos auxilia a conhecer as interações que acontecem no interior da escola e da sala de aula”. Tudo isso, em ciclo formativo contínuo e que sempre se voltará para si com outros questionamentos e provocações. Por sua vez, o ensinamento de Freire (1996, p. 39) não se tornou obsoleto ao afirmar que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Esse é o movimento que pode conduzir o processo de [re]pensar a *práxis*.

Desse modo, a etnografia escolar, inclusive, ajuda a responder questões recorrentes dentro da formação continuada de professores, tais como os porquês de: professores reconhecerem a necessidade de formação, mas resistirem em participar delas, muitas vezes; não conseguirem se estabelecer diante de cenários modernos de educação; criar resistências para com avaliação e adequações de sua prática, dentre outros. Em suma, tal abordagem proporciona uma compreensão rica e contextualizada do ambiente educacional, ajudando na melhor compreensão da *práxis* docente e, por conseguinte, no enfrentamento dos desafios complexos e das diversidades que encontrarão nos cotidianos escolares. Corroboram com isso, Silva, Almeida e Gatti (2016) que destacam a relevância do acompanhamento em

processo do trabalho docente, ensejando reflexão e autorreflexão, para além do senso comum.

Enfim, é imprescindível nos aprofundarmos nesse conhecimento, para conseguirmos conferir validade e sustentabilidade aos processos formativos docentes, de modo que os tenhamos com resultados efetivos e econômicos. Econômicos não no sentido financeiro ou monetário, mas no sentido estratégico, de aproveitamento máximo dos esforços, vontades, criatividade e disponibilidade de recursos e tempo, na promoção dos mais significativos percursos formativos. Isso, valendo-nos de informações complexas e aprofundadas desde sua origem, de modo a não nos arriscamos nos mergulhos rasos de olhares superficiais e enviesados, mas adentrando no mais profundo das relações escolares, sobretudo, no que diz respeito à *práxis*.

É válido, por fim, convergir tal pensamento com outro de Silva, Almeida e Gatti (2016), quando dialogam sobre a não limitação do ensino ao *status* de eficiência [em que a preocupação é se metas ou objetivos foram atingidos, ou não], enfatizando a forma como é realizada e os significados que essa atividade carrega. Os debates acerca das compreensões dessa prática são por demais abrangentes e, portanto, essas palavras finais devem ser entendidas também como inspiração para trabalhos futuros acerca da formação docente, bem como das contribuições da etnografia escolar para sua evolução e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AMADO, J., 1912-2001. **Capitães da Areia**. Romance – 114ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. Etnografia da prática escolar. Campinas: **Papirus**, 1996.

_____. de. A pesquisa no cotidiano escolar. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 11. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

BARBOSA, L. de A.; FORTILLI, S. de C. A Analogia nos Processos de Mudança de Verbos Cognitivos no Português Brasileiro. **Caderno Seminal Digital Especial**, nº 30 v. 30 (JAN-DEZ/2018) – e-ISSN 1806-9142. Disponível em: <https://bit.ly/3EyoTgm>. Acesso em: 27 nov. 2022

BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A. de. A etnografia da escola: entrelaçando vozes, sujeitos, conhecimentos e culturas. **Periferia**, v. 11, n. 2, p. 404-423, mai/ago. 2019.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática**. (1983). *In*: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Olho d'Água, 2033, p. 39-72.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 4. ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2011.

FAZENDA, I. C. A. Dificuldades comuns entre os que pesquisam educação. *In*: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 11. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

FIORI, E. M. **Aprender a Dizer a sua Palavra**. *In*: FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 10 e 11. Prefácio

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996, col. Leitura.

GEERTZ, C. 1926 -. **A interpretação das culturas**. 1 ed. 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

OLIVEIRA, A. Etnografia e pesquisa educacional: por uma descrição densa da educação. **Educação Unisinos**. 17(3), pp. 271-280, setembro/dezembro 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, M. da. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, p. 152-163. Maio /Jun /Jul /Ago 2005 n. 29.

SILVA, V. G. da; ALMEIDA, P. C. A. de; GATTI, B. A.. Referentes e Critérios para a ação docente. **Cadernos de Pesquisa**. V. 46, n. 160, p. 286-311. Abr./Jun. 2016.